

DISCURSO DE GÊNERO: O CONCEITO E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CURSOS COM PREDOMINÂNCIA MASCULINA

Igor Felipe Benatti

Universidade Estadual Paulista – UNESP (Brasil)

Endereço eletrônico: if.benatti@unesp.br

INTRODUÇÃO

Segundo Saffioti e Almeida (1995), a violência contra a mulher é um fenômeno complexo, multicausal e de alta recorrência no país em razão da permanência de uma sociedade patriarcal, tal fenômeno é compreendido pelos autores como qualquer ação embasada na desigualdade de gênero, causando danos e/ou contribuindo para a subordinação, inferiorização e privação da liberdade da mesma.

Saffioti (1999) afirma que as configurações da violência contra a mulher não ocorrem isoladamente, sendo comum a presença da violência psicológica e moral em qualquer forma de agressão. Assim, torna-se mais fácil de atravessar diversos espaços e contextos, incluindo, o universitário. (LEÃO, 2017; MONTRONE *et al.*, 2020).

Nesse interim, ao considerar o estudo realizado pelo Instituto Avon (2015) sobre a incidência da violência contra a mulher nas universidades, identificou-se que 67% das estudantes universitárias afirmaram ter sofrido algum tipo de violência cometida por um homem na universidade ou em festas acadêmicas.

Em congruência, Carvalho e Rabay (2015) identificaram que a compreensão do conceito de gênero no contexto universitário ainda é considerada como sinônimo de sexo e ressaltam a importância da ampliação deste conceito e de uma análise situacional na educação superior, a fim de romper com a atual conjuntura. Além disso, Michetti e Mettenheim (2019), evidenciaram em seu estudo a alta recorrência de tal violência por meio do discurso de gênero nas universidades.

Nogueira (2001) aponta que as relações de poder são reveladas entre os gêneros por meio da linguagem e segundo Leão (2017), também é uma maneira de legitimar, relativizar e naturalizar a violência de gênero, culpabilizando a mulher vítima de agressão nas universidades, pois apesar da importância e da legítima instância social, a universidade é também um espaço em que ocorre a propagação e a perpetuação dos estigmas, dos preconceitos, do sexismo e da hierarquização do machismo (BEDIN, 2016; MONTRONE *et al.* 2020).

1069

Realização:

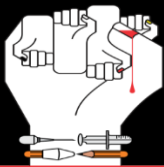


UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA DE SCIÊNCIAS DA SAÚDE



Apoio:





Considerando o exposto, este estudo teve como objetivo identificar a violência contra a mulher e a compreensão de estudantes sobre o conceito de gênero por meio da análise do discurso nos cursos com predominância masculina.

MÉTODO

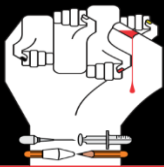
A presente análise é de natureza quantitativa e qualitativa, ou seja, método misto de coleta e tratamento dos dados obtidos com estudantes universitários dos cursos escolhidos de forma não aleatória, empregando como instrumento o questionário semiestruturado e *online* (MARCONI; LAKATOS, 2010). Tal escolha considerou os cursos com o menor número de mulheres regularmente matriculadas conforme o Resumo Técnico do Censo de Ensino Superior divulgado pelo INEP em 2017, apontando que os cursos com predominância masculina são: Engenharia Mecânica (89,7%), Engenharia Civil (69,5%), Engenharia de Produção (65,0%) e Educação Física (65,0%).

É importante ressaltar que o curso de Engenharia Mecânica não é oferecido pela instituição em que foi realizada a coleta de dados. Sendo assim, em razão da similaridade da área e da disparidade de matrículas entre homens e mulheres, optou-se em substituir o mesmo pelo curso de Engenharia Elétrica. Bem como, essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Araraquara – Uniara.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo contou com a participação de 83 estudantes de uma universidade privada no interior do Estado de São Paulo. Tais participantes regularmente matriculados no primeiro e último ano dos cursos de Educação Física (31,3%) e Engenharias Civil (19,3%), de Produção (37,3%) e Elétrica (12%). Demonstrando que 66,3% dos estudantes eram homens e 33,7% eram mulheres, evidenciando, de fato, uma disparidade de homens em relação as mulheres matriculadas nestes cursos.

Diante do exposto e confrontando com a literatura, o presente estudo identificou que o conceito de gênero foi reconhecido como sinônimo de sexo no contexto universitário por 24% dos estudantes entrevistados que apontaram não existir diferença entre tal conceito e a terminologia sexo. Ademais, ao analisar o discurso desses estudantes, identificou-se que o conceito de gênero também foi reconhecido como sinônimo de sexualidade.



Considerando os discursos obtidos, 17% dos entrevistados afirmaram que há características, comportamentos ou cursos que são próprios do gênero feminino e/ou do masculino, em que 4% desses entrevistados responderam que existe algo nos cursos de Educação Física e Engenharias Civil, de Produção e Elétrica, que é específico para o homem. Bem como, ao serem questionados se tais cursos são mais indicados para o homem do que para a mulher, o percentual elevou-se para 12%.

E as justificativas foram pautadas na incapacidade racional e na fragilidade emocional e corpórea da mulher, bem como, na questão da maternidade, a fim de enaltecer os padrões de dominância masculina oriundo do patriarcado. Corroborando para a primazia do homem perante a mulher que Saffioti (1997, p.29), exemplifica como: “mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte do macho forte. Mulher emotiva é a outra metade do homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior”.

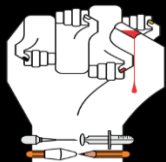
Por fim, ao serem questionados se as mulheres apresentam as mesmas possibilidades que os homens no mercado de trabalho em tais áreas em formação, 48% concordaram que não e 12% dos entrevistados afirmaram terem presenciado ou terem sido vítimas da violência contra a mulher na universidade.

Carvalho e Rabay (2015), Monteiro *et al.* (2020), e Montrone *et al.* (2020), evidenciam a importância acerca da compreensão do fenômeno nas instituições universitárias para desconstruir o poder simbólico, desnaturalizar e reconhecer a violência contra a mulher por meio da reprodução de condutas machistas e padrões de dominação social em razão do tratamento desigual entre os gêneros que adentram nas instituições de educação superior.

CONCLUSÃO

Foi possível identificar que o ambiente universitário ainda é um espaço em que ocorre a perpetuação do machismo, corroborando para o tratamento desigual entre os gêneros nos cursos com predominância masculina, culminando na violência contra a mulher advinda do conservadorismo que se alicerça na questão da maternidade, incapacidade intelectual racional, fragilidade emocional e/ou corpórea, bem como, na sexualidade como forma de manter a inferiorização e a subordinação feminina.

Nesse contexto, também foi possível identificar que o conceito de gênero ainda tem o seu reconhecimento como sinônimo de sexo, bem como de sexualidade. Contudo,



considerando a escassez de pesquisas sobre a temática no contexto universitário, é importante ressaltar a necessidade de pesquisas que identifiquem as relações de poder, as incompreensões sobre o conceito e a violência de gênero nas universidades brasileiras, a fim de desconstruir o poder simbólico, desnaturalizar e reconhecer o fenômeno da violência contra a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de gênero. Violência de gênero. Violência contra a mulher. Universidade.

1072

REFERÊNCIAS

AVON, I. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. Pesquisa Instituto Avon/Data Popular. 2015. Disponível em: [http://devinstitutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523997913813pesquisa%20instituto%20avon_2015%20\(universidade\).pdf](http://devinstitutoavon.adttemp.com.br/uploads/media/1523997913813pesquisa%20instituto%20avon_2015%20(universidade).pdf). Acesso em 14/10/2020.

BEDIN, R. C. **A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP**. 2016. 154 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agendapos/educacao_escolar/3798.pdf. Acesso em 26/10/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2017**: diretoria de estatísticas educacionais, 2017. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao//asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6725796. Acesso em 12/04/2020.

CARVALHO, M. E; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(1): 119-136, janeiro-abril, 2015.

LEÃO, A. M. C. Prefácio – As vozes pela inclusão na defesa dos direitos humanos. *In.*: SILVA, R. D.; HUMMEL, E. I.; OLIVEIRA JUNIOR, I. B. (Org.). **Educação, sexualidade e diversidades**: políticas públicas educacionais: avanços ou retrocesso? Londrina: Syntagma, 2017. p. 18-22.

MARCONI, M; LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª Edição, São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

MICHETTI, M; METTENHEIM, S. Gênero e Violência Simbólica em Eventos Esportivos Universitários Paulistas. **Cadernos pagu**, (56): e195623, 2019.

MONTEIRO, S. A. S. *et al.* Educação sexual, sexualidade, gênero e diversidade sexual: estereótipos e preconceitos. **Atena**, Ponta Grossa, DOI: 10.22533/at.ed.2702001121, p. 2 – 14. 2020.

Realização:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE SÃO PAULO

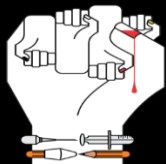


NUCLEO
DE PESQUISA



Apoio:





MONTRONE, A. *et al.* Violência de gênero numa universidade pública brasileira: saindo da visibilidade. **Gênero**. Niterói, v 1. n. 1, p. 6-13, 2 sem, 2020.

NOGUEIRA, C. Feminismo e Discurso de Gênero na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social. Braga, ABRAPSO, 2001.

SAFFIOTI, H. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo, p. 82-91, 1999.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

SAFFIOTI, H; ALMEIDA, S. **Violência de Gênero: poder e impotência**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

1073

Realização:



Apoio:

